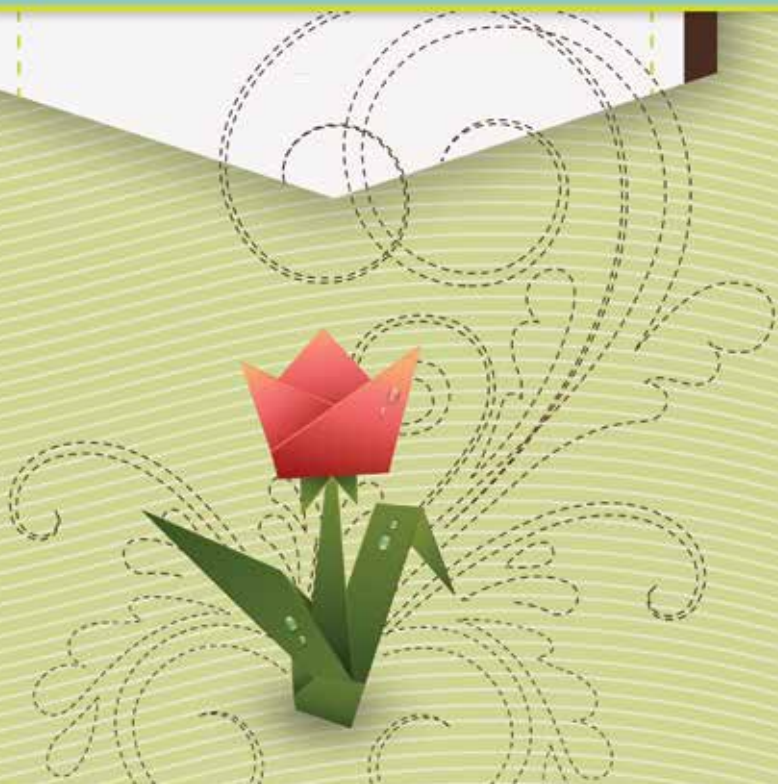
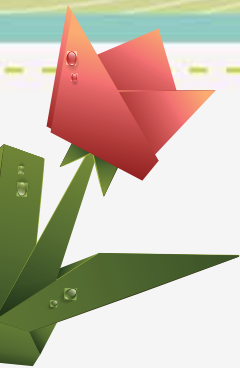




Mãe, mulher e trabalhadora





Uma mulher, múltiplas tarefas

Cuidar dos filhos, da casa, dar atenção ao companheiro, trabalhar fora... São múltiplas as funções que a mulher costuma assumir, quase sempre prezando pela busca da perfeição ao desempenhá-las. Hoje, não se fala mais em dupla jornada, mas tripla, quádrupla. O fato é que, atualmente, as mulheres vivem uma vida imensamente diferente da vivida há cinquenta anos.

A entrada de vez da mulher no mercado de trabalho, em funções e cargos até então estritamente masculinos, escancarou, ainda mais, as diferenças de gênero. Além de ficarem sobrecarregadas com

tarefas que seguem sendo vistas por boa parte da sociedade como “deveres da mulher” – tais como os cuidados da casa e com os filhos –, as mulheres seguem enfrentando preconceitos em seus ambientes de trabalho. As diferenças aparecem na jornada, nos cargos de destaque e também nos salários.

Mesmo sendo maioria no mercado de trabalho atualmente, e ainda tendo maior grau de escolaridade, as mulheres seguem ganhando menos. No setor bancário, esta discriminação é clara: elas já ocupam 49% dos postos de trabalho em todo país e seguem ganhando,

O Dia das Mães surgiu nos Estados Unidos, criado por uma americana que queria homenagear sua falecida mãe, no início do século XX. Na época, a filha preparou um memorial e pediu que se criasse, de forma oficial, um feriado em homenagem às mães. A data foi reconhecida pelo então presidente Thomas Wilson, em 1914. No Brasil, o feriado só foi oficialmente “importado” pelo presidente Getúlio Vargas, em 1932, quando ficou estabelecida a comemora-

ção no segundo domingo de maio.

Apesar da história, com o passar do tempo, o Dia das Mães foi se tornando importante especialmente para o comércio, como uma das datas em que há um crescimento imenso nas vendas, atrás apenas do Natal. Em 2013, os lojistas de Curitiba chegaram a dizer que a data era a esperança de recuperar as vendas, que foram fracas no Natal. O crescimento esperado do comércio, de acordo com o SPC Brasil,

em média, 22,9% a menos que os bancários, de acordo com o Dieese. É importante frisar também que, apesar da grande participação no mercado, os papéis de destaque e chefia ainda são majoritariamente masculinos. Menos de 14% dos cargos de diretoria das 500 maiores empresas do Brasil são ocupados pelo sexo feminino. No Banco do Brasil, por exemplo, entre as 50 vice-presidências, diretorias e chefias de unidades estratégicas não há nenhuma mulher.

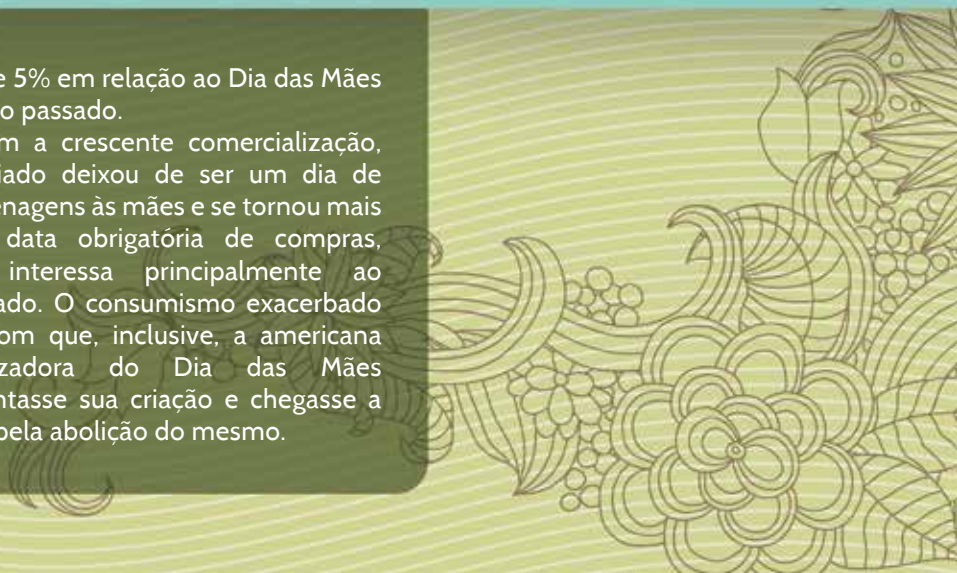
Divididas entre tantos afazeres e obrigações, enfrentando barreiras sociais e econômicas, como ficam as mulheres? “Se, no passado, fomos julgadas inferiores, hoje já provamos que somos iguais. Nem melhores, nem piores, apenas iguais! E a manutenção dessa igualdade é uma luta que não cabe apenas às mulheres, mas a toda

sociedade. É preciso a conscientização de que o mundo só é bom, quando é bom para todos!”, destaca Cristiane Zacarias, secretária de Igualdade e Diversidade do Sindicato dos Bancários de Curitiba e região.

Cuidar-se - Uma pesquisa realizada em dezembro de 2012 pela organização feminista SOS Corpo e os institutos Data Popular e Patrícia Galvão apontou que 68% das mulheres reclamam de falta de tempo e, destas, 58% queixam-se de não conseguir dedicar momentos a elas mesmas. “Em sua história, a mulher sempre priorizou as necessidades da família, deixando de lado sua satisfação pessoal, muitas vezes, esquecendo de si e do fato de que antes de tudo, ela simplesmente é mulher”, completa Cristiane. Apesar da rotina corrida e da falta de tempo, 91% das mulheres consideram o trabalho fundamental para suas vidas.

era de 5% em relação ao Dia das Mães do ano passado.

Com a crescente comercialização, o feriado deixou de ser um dia de homenagens às mães e se tornou mais uma data obrigatória de compras, que interessa principalmente ao mercado. O consumismo exacerbado fez com que, inclusive, a americana idealizadora do Dia das Mães lamentasse sua criação e chegasse a lutar pela abolição do mesmo.



Creches públicas e creches privadas



Ainda durante a licença-maternidade, quando começa a se aproximar a época de voltar ao trabalho, muitas mães começam a buscar o melhor lugar para deixar seus filhos no período em que permanecerão no trabalho. Quando a opção são as creches públicas, todas têm a mesma impressão: não é fácil encontrar vagas e a lista de espera é grande. De acordo com dados da Prefeitura de Curitiba, os Centros Municipais de Educação Infantil (Cmeis) possuem uma “fila” de mil crianças na faixa etária de 4 e 5 anos e de 9 mil para a faixa de 0 a 3 anos.

Diante da impossibilidade de deixar os filhos nas creches da rede pública, muitas trabalhadoras buscam os serviços particulares para suprir esta necessidade. O Censo de 2010 e a Sinopse de Educação Básica de 2012 mostram que, atualmente, já são mais

de 56,3 mil crianças matriculadas na rede privada de creches no Paraná. O problema é que nesta opção há um custo, muitas vezes, bastante superior ao que as empresas pagam como auxílio-creche ou auxílio-babá.

Atualmente, o valor recebido por um bancário ou bancária como auxílio-creche ou babá é de R\$ 306,21 por filho, até os 71 meses de idade, ou seja, durante os seis primeiros anos da criança. No entanto, o valor das creches particulares pode ultrapassar muito este valor do benefício, tornando-se uma despesa que compromete parte importante da renda familiar. “É por isso que a luta pela valorização dos salários e dos auxílios segue como uma das principais bandeiras do Sindicato dos Bancários de Curitiba e região”, destaca Otávio Dias, presidente da entidade.

Valor do auxílio-creche pago pelas empresas

Bancários	R\$ 306,21 (até 71 meses)
Copel	R\$ 330,00 (de 7 a 72 meses)
Correios	R\$ 409,97 (até o jardim de infância)
Eletrobrás	R\$ 589,15 (de 6 meses a 6 anos)
Petrobrás	O a 6 meses: reembolso do valor pago 7 a 36 meses: valor médio apurado pela empresa
Itaipú	O a 12 meses: reembolso do valor pago 13 a 60 meses: valor médio apurado pela empresa